

48 POEMAS EM PROSA DIAMANTINA

Paulo Sucena

1. *Jaguar* é composto por 48 poemas distribuídos por 6 secções com 8 poemas cada uma. A existência única de números pares assegura a harmonia da estrutura da obra, mas a riqueza de sentidos que encerra tornam-na extremamente complexa, o que não impede que encontremos unidade na sua multiplicidade.

Após uma primeira leitura de *Jaguar*, três desafios se me colocaram. O primeiro saltou-me logo do título ao ter em conta que o jaguar é um animal totémico que na mitologia maia é um símbolo da obscuridade e da luz, sendo, portanto, um símbolo que se ajusta à poética de António Carlos Cortez.

O segundo desafio surgiu-me ao ter em conta o número de secções do livro, 6, e, compaginando-me com o autor, decidi socorrer-me da simbologia cristã daquele número, com o objectivo de estabelecer uma relação entre a substância dos poemas de *Jaguar* e a referida simbologia. Encontrei essa relação entre o equilíbrio que o pensamento cristão atribui ao número 6 e o equilíbrio que este livro patenteia apesar da *hybris* que o anima. Essa ligação prossegue se pensarmos que os dois triângulos sobrepostos da estrela de David simbolizam a conexão entre o céu e a terra e que um nexu idêntico encontramos em *Jaguar*, quando a voz do poeta surge por vezes com os contornos da voz de um demiurgo.

O terceiro desafio, apesar de transgressivo, abriu-me a porta para a apresentação do livro de António Carlos Cortez. A porta abriu-se pelo facto de *Jaguar* ter seis secções que é também o número de faces de um cubo, figura geométrica de que Edmund Husserl se serve para, a dado passo, tornar mais explícito o seu pensamento.

O filósofo alemão considera que ao olharmos um cubo não percebemos apenas uma das suas faces, mas também os inúmeros aspectos que se transfiguram uns nos outros, de que resulta a percepção do hexaedro como um todo. É tendo isto em conta que me abalanço à apresentação de *Jaguar*. Assim, darei a conhecer primeiro os “resultados” obtidos de uma leitura global do livro a que depois acrescentarei comentários mais específicos relativos a uma ou outra secção das seis que compõem *Jaguar*, deixando inevitavelmente na sombra aspectos particulares porventura não menos importantes.

Confesso que o meu desígnio é dar a conhecer *Jaguar* como um todo sem deixar de sublinhar as particularidades que mais me atraíram nos poemas com que António Carlos Cortez enriqueceu a poesia portuguesa contemporânea. Fê-lo com uma poesia que se

joga entre a “retenção” do que ainda ressoa no poeta e a “protensão”, aquilo que antecipadamente nele ecoa.

2. *Jaguar* é um livro duro, severo, isento de quaisquer sinais lúdicos. O que ele nos mostra é um percurso dramático ao longo do qual o poeta não tem a certeza de que seja possível harmonizar o que é dissonante, porque não sabe se o poema terá o poder de soldar as fissuras do eu e as que nos dias e nas noites se vão abrindo no decurso dos movimentos da História. Porém, o poeta teima em dizer e dizer-se e a matéria com que lida é uma matéria fragmentária que ele pretende cosmificar em *Jaguar*.

Se a temática deste livro nos fascina, os inúmeros recursos retóricos e estilísticos superiormente utilizados e habilmente plasmados numa linguagem literária de grande qualidade e originalidade não nos fascinam menos. E acrescento que os 48 poemas de *Jaguar* atingiram um dos objectivos do poeta, o de oferecer aos leitores uma prosa diamantina, pois neles encontramos sabiamente enlaçados narrativa e imagética.

De outro ângulo, gostaria de sublinhar que *Jaguar* é percorrido por um certo sentido do trágico. A sua linguagem é dotada de uma forte energia com que o poeta esventa a substância dos dias, perscruta especificidades do sujeito poético e releva aspectos históricos imbuídos de uma tonalidade trágica, tais como a profunda crise do humanismo, sacudida por preocupantes acontecimentos políticos e pelo esboroar de princípios ideológicos carregados de esperança na transformação do mundo e da vida dos humanos, esperança hoje espartilhada nas malhas de um egoísmo feroz, esmorecida pelos solavancos das desigualdades e injustiças, asfixiada por um pensamento dominante que é opressor das cada vez mais frágeis aspirações humanas, submersas nas teias de um neo-liberalismo sem alma.

Portanto, *Jaguar* não é apenas um livro voltado para o cristal e fogo da poesia e da arte, irmã da dor, mas também uma subtil e profunda reflexão de alguém que se interroga, inserido na temporalidade histórica e atento às circunstâncias em que os humanos se movem.

Creio que *Jaguar* dá razão a Manuel Gusmão, quando o ensaísta diz que a poesia é “talvez a figura e a energia de um desejo de vida e de mundo; um obscuro desejo insatisfeito, que se enuncia e modula por uma música de palavras que não se transforma no comunicado de uma comunicação”. Uma leitura atenta de *Jaguar* dá a ver isso mesmo.

3. Uma das linhas de sentido de *Jaguar* desenvolve-se nos terrenos da arte poética de António Carlos Cortez, com relevo para o percurso que leva à construção do poema, esse *chiaroscuro* ou essa “incerta chama”. Como o pensamento ensaístico de Manuel Gusmão, admirável exegeta dos textos sagrados dos poetas, ecoa lá no fundo deste livro, vou-me servir de palavras suas dedicadas à já referida “incerta chama”. Escreve Gusmão: “Quando na contingência e na obstinação a poesia retorna ou insiste, o poema pode acender-se no brilho cego de uma absoluta necessidade, ou no estremecer de uma certeza sem garantias”.

António Carlos Cortez, usando uma língua literária de superior qualidade, glosa profunda e inteligentemente aquela ideia e deixa nas páginas de *Jaguar* um impressivo e intenso olhar sobre os desconcertos do mundo e as incertezas da vida e da poesia. A sua é uma poesia atenta ao devir histórico, que a angústia e a amargura visitam sem lhe secar a fonte da esperança. É uma poesia que aspira a ser um sinal que traduza as circunstâncias em que foi produzida, deixando, no entanto, o poeta na angústia de não saber se ela será apenas uma pequena marca que se apagará com o tempo.

4. Gostaria agora de me aproximar de alguns aspectos que, a meu ver, se revestem de inegável relevância na poesia de António Carlos Cortez, como seja a produção do poema que, em *Jaguar*, surge como um acto de magia que nos revela um objecto de encanto, marchetado de metáforas e de jogos de imaginação que cristalizam episódios da vida, resgatam memórias, reflectem a História, tematizam perfis da substância do sujeito poético.

Jaguar também nos dá a ler o poema como um desafio, algo excessivo e insubmisso. O poema afronta, o poema é desmesura e não comedimento. É dionisiaco. É fruto da entrega total do poeta à poesia que é um universo por onde “rolam as imagens”, que alimentam e consomem o seu produtor.

António Carlos Cortez reflecte em *Jaguar* a “época vítrea” em que vivemos, um tempo em que vemos a poesia “rendida à máquina pútrida do marketing”, e incita o leitor a que preste atenção às “luzes na noite tétrica” e ao “bombardeado coração do mundo”. É um livro percorrido por uma forte disforia e uma esparsa melancolia.

Anotemos ainda que o poeta aborda de um modo percuciente as temáticas do amor e da morte e também da solidão, cogita sobre a produção do poema e seu alcance, e debruça-se sobre o tempo histórico e sua opacidade sanguínea. Há momentos em que o clima de alguns poemas de *Jaguar* se aproxima da poesia de Alfonso Costafreda, citado por Cortez, que cantou “O prazer da dor e da vida” e nos alertou para que “da luta contínua e diária / surgirão as recordações que nunca esqueceremos / porque brilharam e nos acenderam os olhos / com a luz rigorosa do sangue”.

Costafreda não é o único *compagnon de route* de António Carlos Cortez. Outros poetas aparecem inscritos ou perpassam pelas páginas de *Jaguar*, como Baudelaire, Rimbaud, Ginsberg, Fiama H. Pais Brandão, Herberto Helder, vozes ressoantes na poesia de Cortez, acompanhadas, entre outros, do nome do compositor Philip Glass e de nomes de cantores e poetas de que destaco os de Jim Morrison e de David Bowie que ambicionava sair dos dias sombrios para um ambiente luminoso.

Porém, os dias sombrios persistem e impelem o poeta de *Jaguar* a interrogar-se como se resiste a uma intempérie que se aproxima e o que fazer contra os falcões da guerra. A resposta está no cerrar dos maxilares, vincar a ferida com os caninos, isto é, resistir e suportar a dor com a consciência de que “nada mais [há] a dizer para quem sabe que a luz dos dias nítidos é agora uma luz opaca”. A luz própria dos dias adversos,

dos dias despojados de harmonia e de uma plácida serenidade e em que até o amor é como o vento e selvagem é o vento.

Mantendo-me fiel à leitura que venho fazendo de *Jaguar*, creio ser legítimo acrescentar que o vento que sopra neste livro não é um vento lírico, é um vento violento de algum modo familiar daquele que atravessa a velha tragédia grega no que ela encerra de pungentes conflitos.

Centrado ainda na tragédia grega, gostaria de prosseguir aventando que a *Moirá* não permaneceu encerrada nos escritos dos dramaturgos da Antiguidade Clássica nem nos poemas de Homero, antes percorreu um longo caminho até chegar a *Jaguar*, cujo autor não enjeita a força do destino e reconhece que o poeta está condenado, inexoravelmente, a morar na linguagem e a nela morrer, com a consciência de que a vertigem da poesia não tem remédio e de que o poeta vive enclausurado na sua música, promovendo o doloroso parto do poema “cheio de lágrimas e dúvidas”.

Todavia, *Jaguar* mostra que o poema tem um forte arrimo na sua séria e profunda preocupação, diria que ontológica, com as palavras, com o tempo, a violência, o corpo, a memória, a injustiça, o amor e a morte. Acrescento ainda que em *Jaguar* encontramos tematizados os problemas da guerra e de outros desconcertos do mundo, como seja o extermínio de judeus no campo de Treblinka e o massacre perpetrado na floresta de Katyn, aludidos por António Carlos Cortez.

5. Sem esquecer a luxuriante linguagem de *Jaguar*, a sua fulminante imagética, as ousadas retóricas e estilísticas, o ritmo dos poemas, o rigor com que estão construídas as seis secções sob as quais flui um velado veio, o brilho com que esta poesia transfigura a realidade, que deixo à fruição de cada leitor, ater-me-ei agora, para finalizar esta apresentação de *Jaguar*, a um ou outro aspecto mais particular deste esplêndido livro, que seria injusto não abordar.

Começarei por uma breve nota relativa àquilo que António Carlos Cortez considera definidor do poeta e do papel da poesia no mundo. A leitura da primeira secção de *Jaguar* leva-nos a concluir que o poeta se reconhece a si próprio quando percebe que as imagens que eclodem dentro de si são o visível e que a física dos objectos é algo velado.

O criador daquelas imagens, o poeta, é dado, na poesia de António Carlos Cortez, como uma transmutação do homem comum e essa transmutação ao operar-se desvela nele uma nova linguagem enraizada numa velha tradição poética, o que significa que o poeta reconhece que a sua voz não é uma voz estreme que não acolhe outras, mas sim uma voz que se integra num antiquíssimo coral.

A instituição da voz do poeta obriga o homem que ele também é a deixar “arder a pele” para depois mergulhar num denso mar das palavras. Caçá-las, no interior da substância escura da vida, vai ser a sua tarefa de jaguar. A tarefa de um caçador furtivo que produz, com o que recolhe da sua acção, tramas complexas legitimadas pelo frêmito das metáforas que resistem ao azul voraz das tempestades da vida.

Porém, ele sabe que esse é o seu ofício, o ofício de “um assassino concentrado” que ergue, em tempos sombrios e em cidades escuras, as arquitraves do poema. Do poema capaz de tornar visível a substância escura da luz graças ao trabalho da “mão mental” injectada pelo ácido absoluto da linguagem, nas palavras do poeta. Desse trabalho anónimo, atravessado pela solidão e pela incompreensão, nascem momentos refulgentes que restituem à luz o que é da luz e à voz do poeta a sua “voz primeva”.

O ofício do jaguar, do poeta, é caçar permanentemente nos ásperos terrenos das palavras. É assim que nasce o poema, produção suprema da linguagem, não a dos “animais domésticos”, mas a do jaguar que usa como arma um “verbo agudo como a ponta de um cristal”.

6. A última secção do livro é fundamentalmente um exercício poético com o qual se pretende dizer que alguém, depois de superar os mais variados e exigentes desafios, atingiu o ponto mais alto do seu percurso onde apenas são audíveis as vozes dos poetas.

A sexta secção de *Jaguar* revela-nos ainda que o sujeito poético, que ao longo do livro protagonizou manifestações poéticas, éticas, estéticas, ontológicas, atingiu a maturidade na sua arte e é senhor dos instrumentos necessários, entre os quais uma voz original, para produzir o poema, uma “seta felina”, “um estiramento”, um alongamento de si próprio.

Quer dizer que o poeta já é mestre na manipulação da substância com que alimenta o cântico com que se diz ao mundo, obedecendo às leis de uma orquestração de palavras geradoras de teias originais de sentido. Ou seja, o jaguar encontrou a figura matricial, uma pequena voz primitiva com que subiu às altas colinas da palavra e aí encontrou a força da sua dicção que sendo singular é contudo herdeira de uma multidão de vozes.

Pelas palavras de António Carlos Cortez ficamos a saber que, numa noite em Córdoba, o jaguar rasgou o selo de Humatan e assim descobriu a gramática do poema que de súbito lhe explodiu nas mãos. Chegara a hora do vidente travar a guerrilha com o real, apoiado pela “cobra da imaginação”. E também de se assumir como um “escafandrista” que mergulha à procura do cerne da poesia para melhor poder transformar a realidade do mundo numa realidade de fogo. Talvez o poeta queira dizer que o poema é “razão ardente”.

Concluo com a certeza de que esse múltiplo labor, ateadado por uma jura, à maneira de Rimbaud, na poesia, é, no fundo, o essencial da missão de “o último iniciado das grandes revelações”, que nos segreda no final de um poema dedicado a Manuel Gusmão: “Espero nos grandes portos antigos, onde os barcos em ruínas estão exaustos de ondas explosivas, essa forma de morrer como quem nasce”.

Dezembro.2020